

SÊNECA

Sobre a ira
Sobre a tranquilidade
da alma

diálogos

Tradução, introdução e notas de
JOSÉ EDUARDO S. LOHNER



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

SÊNECA

Sobre a ira
Sobre a tranquilidade
da alma

diálogos

Tradução, introdução e notas de
JOSÉ EDUARDO S. LOHNER



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução, introdução e notas © 2014
by José Eduardo S. Lohner

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULOS ORIGINAIS
De Ira e De Tranquillitate Animi

CAPA
Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO
Julia Passos

REVISÃO
Isabel Jorge Cury
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sêneca

Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma : Diálogos / Sêneca ; tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. — 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Títulos originais: De Ira e De Tranquillitate Animi

ISBN 978-85-8285-006-0

1. Filosofia antiga. 2. Sêneca, ca. 4 a.C. – 65 – Crítica e interpretação 3. Sêneca. Diálogos 1. Lohner, José Eduardo S. II. Título.

14-10335

CDD-188

Índice para catálogo sistemático:
1. Sêneca : Filosofia 188

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — José Eduardo Lohner	7
SOBRE A IRA	89
SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA	191
<i>Notas</i>	227
<i>Bibliografia</i>	291

Sobre a ira

Livro I

1 I Cobraste de mim, Novato, que eu escrevesse sobre
como poderia ser atenuada a ira. E não é sem motivo que
me parece que tenhas um particular temor dessa paixão, de
todas a mais terrível e violenta. De fato, nas outras existe
certo grau de calma e placidez; essa é plena de excitação
e ímpeto, enfurecida por uma ânsia desumana de dor,
combates, sangue, suplícios. Indiferente a si, desde que
seja nociva a outro, ela se arroja a seus próprios dardos
e é ávida por uma vingança que há de arrastar consigo
2 o vingador. Assim, alguns sábios disseram que a ira é
uma breve insânia. Ela é igualmente desenfreada, alheia
ao decoro, esquecida de laços afetivos, persistente e
aferrada ao que começou, fechada à razão e aos conselhos,
incitada por motivos vãos, inábil em discernir o justo e o
verdadeiro, muito similar a algo que desaba e se espedaça
3 por cima daquilo que esmagou. Mas para comprovares a
insanidade dos que estão em poder da ira, observa a própria
aparência deles, pois assim como são sintomas claros dos
loucos o aspecto audaz e ameaçador, o semblante sinistro, a
face enviesada, o passo apressado, as mãos inquietas, a cor
mudada, os suspiros sucessivos e veementes, assim também
4 o são os sinais dos que enraivecem: seus olhos inflamam
e cintilam, é intenso o rubor por todo o rosto, devido ao
sangue que lhes ferve desde o fundo do peito, os lábios
tremem, cerram-se os dentes, arrepiam-se e eriçam-se os

cabelos, a respiração intensa e estridente, o estalido dos dedos retorcendo-se, os gemidos e mugidos, a fala abrupta, com palavras pouco claras, e as mãos que a todo tempo se entrecrocavam, e os pés a baterem no chão, e o corpo todo convulso e lançando avultantes ameaças de ira, a face de aspecto disforme e horrendo dos que se desfiguram e intumescem. Não se sabe se é mais detestável ou mais deformante esse vício. Os demais é possível esconder e alimentar em segredo: a ira põe-se à mostra e sai à face, e quanto maior, com tanto mais evidência efervesce. Não vê, como em todos os animais, tão logo se erguem para atacar, os sinais se antecipam e seu corpo inteiro deixa a condição habitual e tranquila e eles açulam a própria ferocidade? A boca dos javalis espuma, aguçam-se suas presas pelo atrito, os cornos dos touros arremetem contra o vazio e a areia é espalhada pelo golpe de seus pés, fremem os leões, infla-se o colo das serpentes irritadas, sinistro é o aspecto das cadelas raivosas. Nenhum animal é tão horrendo e tão perigoso por natureza que nele não fique aparente, logo que a ira o tenha invadido, o acréscimo de renovada ferocidade. Não ignoro que também as demais paixões são dificilmente ocultadas; que a luxúria, o medo e a audácia dão sinais de si e podem ser pressentidos. De fato, nenhuma agitação mais veemente nos penetra sem nada provocar no rosto. Que diferença há, então? É que as outras paixões ficam aparentes; esta fica proeminente.

2 Mas agora, caso queiras observar seus efeitos e danos, nenhuma peste teve maior custo para o gênero humano. Verás assassínios e venenos e mútuas acusações entre réus, cidades devastadas e extermínios de povos inteiros, cabeças de chefes vendidas em hasta pública, tochas lançadas a habitações. Não se veem incêndios restritos ao interior das muralhas, mas imensas extensões de território reluzindo sob a chama inimiga. Olha os alicerces de cidades de tão vasto renome, os quais mal se distinguem: a ira as demoliu. Olha soledades desertas por muitas milhas, sem morador:

3 a ira as desolou. Olha tantos chefes que passaram para a história, exemplos de mau destino: um, a ira trespassou em seu aposento; outro, ela abateu durante sagrada acolhida à mesa; a um, ela espedaçou em frente à sede das leis e diante do olhar de um fórum apinhado; a outro, ordenou destinar seu sangue ao parricídio perpetrado pelo filho; de um, mandou abrir a régia cerviz por mão de um escravo; de outro, estender seus membros numa cruz. E até aqui me refiro a suplícios individuais; que dizer se, deixados aqueles contra os quais a ira ardeu individualmente, fosse teu desejo olhar para as assembleias passadas a ferro, e para a plebe trucidada sob a invasão do soldado, e povos inteiros condenados à morte num flagelo generalizado

A ira transforma todas as coisas do melhor e mais justo em seu contrário. Quem quer que ela tenha atingido, a ira não consente que se lembre de nenhum de seus deveres. Incida ela em um pai, ele se torna adversário; em um filho, torna-se parricida; em uma mãe, torna-se madrastra; em um cidadão, torna-se inimigo; em um rei, torna-se tirano.

Martino Bracarense, *Sobre a ira*, 2

Que os filósofos não souberam qual a natureza da ira, fica evidente pelas definições dela que Sêneca enumerou nos livros que escreveu sobre a ira. “A ira”, diz ele, “é o desejo de vingar uma injúria ou, como afirma Posidônio, o desejo de punir aquele pelo qual alguém julga ter sido injustamente lesado. Alguns assim a definiram: a ira é um impulso da alma que visa a ser nocivo para com aquele que foi ou quis ser nocivo.”

Lactânncio, *Sobre a ira de Deus*, 17, 13

4 como se abandonassem o cuidado de nós ou desprezassem nossa autoridade. Como? Por que o povo se enfurece contra os gladiadores, e de modo tão injusto que considere uma ofensa o fato de não morrerem de bom grado? Ele se julga menosprezado e, pelo aspecto, pelo gesto, pelo

5 ardor, converte-se de espectador em adversário. Seja
isso o que for, não é ira, mas quase ira, assim como a das
crianças que, se caíram, querem surrar o chão e, amiúde,
nem sequer sabem por que se irritaram, mas tão somente
se irritaram, sem causa e sem ofensa, não, porém, sem
alguma ideia de ofensa, nem sem desejo de algum castigo.
São iludidos com a simulação de pancadas, são aplacados
por lágrimas fingidas de quem lhes pede perdão e, com
uma falsa vingança, sua falsa raiva é eliminada.

1 3 “Por vezes nos enfurecemos”, argumenta-se, “não
com aqueles que nos ultrajaram, mas com os que mostram
intenção de nos ultrajar, comprovando-se que a ira não
nasce de uma injúria.” É verdade que nos enfurecemos com
os que mostram intenção de nos ultrajar, mas em nosso
próprio pensamento nos ultrajaram, e quem fará uma
2 injúria já a está fazendo. “Para comprovar”, diz alguém,
“que a ira não é um desejo de castigo, os mais fracos
amiúde se enfurecem com os mais poderosos e não almejam
um castigo que não esperam.” Primeiro, dissemos haver o
desejo de exigir castigo, não a possibilidade; as pessoas,
porém, almejam até o que não podem. Depois, ninguém
é tão insignificante que não possa esperar o castigo
3 mesmo do homem mais eminente. Para sermos nocivos,
todos somos poderosos. A definição de Aristóteles não
se afasta muito da nossa. Pois ele afirma que a ira é o
desejo de devolver uma dor. Encontrar a diferença entre
essa definição e a nossa exigiria longa explanação. Contra
ambas afirma-se que as feras se enraivecem sem terem sido
instigadas por uma injúria nem com vistas a um castigo
ou à dor alheia. De fato, mesmo se realizam tais coisas,
4 não as buscam. Mas deve-se dizer que as feras carecem
de ira, bem como todos os seres, exceto o homem. De fato,
embora ela seja inimiga da razão, no entanto, em parte
alguma ela nasce a não ser onde a razão tem lugar. As feras
têm impulsos, raiva, ferocidade, agressividade; mas ira,
por certo, não têm mais do que luxúria, embora em certos

- 5 prazeres sejam mais intemperantes que o homem. Não há por que acreditares naquele que diz:

O javali não se lembra de sua ira, a corça, de fiar-se na corrida, nem os ursos de atacar os fortes rebanhos.

Ovídio, *Metamorfoses* VII, 545-6

- 6 Ele denomina ira o aticar-se, o atirar-se. Na realidade não sabem irar-se mais do que perdoar. Os animais carecem de paixões humanas, mas têm certos impulsos semelhantes a elas. De outro modo, se neles existissem amor e ódio, existiriam amizade e rivalidade, dissentimento e concórdia. Disso neles também se encontram alguns vestígios, mas são próprios dos
- 7 corações humanos esses bens e males. Apenas ao homem foi concedida a prudência, a previdência, a diligência e a reflexão, e não somente das virtudes humanas os animais foram privados, mas também dos vícios. Toda a sua forma, tanto externa como interna, é diferente da humana. Aquela sua faculdade diretora e principal foi diferentemente formada. Assim como há neles de fato uma voz, mas indefinida, confusa e incapaz de palavras; assim como há uma língua, mas travada, sem desembaraço para os vários movimentos; assim também sua faculdade diretora é em si pouco sutil, pouco exata. Ela capta, portanto, aparências e imagens das coisas
- 8 pelas quais venha a ser induzida ao ataque, mas estas são turvas e difusas. Por tal motivo, suas investidas e agitações são veementes; medo, porém, e inquietações, ou tristeza e ira não existem neles, mas sensações similares a essas. Por isso, logo elas cedem e se convertem em seu contrário e, depois de eles se enraivecerem e de ficarem intensamente espavoridos, alimentam-se e, ao frêmito e ao ir e vir delirante, logo se seguem o repouso e o sono.

- 1 4 Explicou-se suficientemente o que é a ira. Em que ela difere da irascibilidade fica evidente: como o ébrio difere de quem está embriagado, e o medroso, de quem está com medo. O irado pode não ser iracundo; o iracundo

2 pode por vezes não estar irado. Os demais aspectos que
distinguem a ira em suas espécies, tendo entre os gregos
várias denominações, irei omiti-los, dado que entre nós não
têm designações próprias, mesmo se nós chamarmos um
temperamento de amargo ou acerbo, e ainda atrabilioso,
raivoso, vociferador, antipático, áspero, todas essas sendo
3 variedades da ira, entre as quais pode-se incluir o mal-
-humorado, tipo refinado de iracúndia. Existem de fato
certas iras que se atêm ao grito; há outras não menos
pertinazes do que frequentes; outras, de mão cruel, são
mais parcias nas palavras; outras, excessivas no amargor
das palavras e maldições; umas não vão além de queixas e
abominações; outras são graves, profundas e concentradas;
mil outras espécies existem desse múltiplo mal.

1 5 Indagou-se o que é a ira, se ocorre em algum outro
animal além do homem, em que ela se distingue da iracúndia,
quantas são suas espécies. Agora indaguemos se a ira está
em conformidade com a natureza, se ela é útil e se deve ser
2 conservada em alguma medida. Se está em conformidade
com a natureza, ficará patente ao observarmos o homem. O
que há de mais dócil do que ele enquanto está equilibrado o
estado de sua alma? Porém, o que é mais cruel do que sua ira?
O que há de mais afetuoso com os outros do que o homem?
O que há de mais hostil do que sua ira? O homem foi criado
para o auxílio mútuo; a ira, para a destruição mútua. Ele
quer congrega-se, ela, desunir; ele, ser útil, ela, ser nociva;
ele, socorrer até os desconhecidos, ela, atacar até os mais
caros; ele mostra-se pronto até a consagrar-se ao proveito dos
3 outros; ela, a pôr-se em risco, contanto que abata. Portanto,
quem desconhece mais a natureza do que aquele que atribui à
sua melhor e mais perfeita obra esse vício feroz e pernicioso?
A ira, como dissemos, é ávida de castigo, e residir esse desejo
no peito tão afável do homem não está de modo algum em
conformidade com sua natureza. A vida humana consiste nas
ações benéficas e na concórdia e, não pelo terror, mas pelo
amor mútuo, ela é compelida à aliança e ao auxílio comum.

1 6 “Como, então? Não é às vezes necessário o castigo?”
Por que não? Mas este sem a ira, com base na razão, pois
ele não é nocivo, mas medica sob a aparência de ser nocivo.
Assim como certas estacas tortas, para que as desentortemos
pomo-las ao fogo e, depois de lhes ajustar as cunhas,
apertamos forte, não para quebrá-las, mas para estirá-las,
assim também é pela dor do corpo e da alma que corrigimos
2 os temperamentos deturpados pelo vício. Certamente
o médico, nos distúrbios mais leves, primeiro tenta não
desviar-se muito do hábito cotidiano e procura, com
alimentos, poções, exercícios, impor um balanceamento,
bem como firmar a saúde apenas pela mudança no hábito
de vida. O próximo passo é que seja de proveito uma dieta.
Se não são de proveito a dieta e o balanceamento, ele
suspende algumas coisas e as corta. Se nem mesmo assim há
resposta, proíbe os alimentos e, com a abstinência, alivia o
corpo. Se essas medidas mais brandas se mostraram inúteis,
ele faz uma incisão sobre uma veia, bem como aplica suas
mãos aos órgãos, se estão fazendo mal a tecidos adjacentes
e espalhando a doença. Nenhum tratamento cujo efeito
3 é salutar parece duro. Assim, convém que o legislador
e governante de uma cidade, por mais tempo que puder,
trate os temperamentos com palavras e com essas medidas
mais brandas, para que lhes aconselhe o que deve ser feito
e concilie em suas almas o desejo do honesto e do justo,
provoque o ódio aos vícios, o apreço pelas virtudes. Deve em
seguida passar a um discurso mais severo, pelo qual ainda
advirta e censure. Finalmente, recorra aos castigos, e estes
ainda leves, revogáveis. Imponha suplícios extremos a crimes
extremos, a fim de que ninguém perca a vida, exceto se perdê-
4 -la for do interesse até mesmo daquele que a perde. Por esse
único aspecto ele se diferenciará daqueles que medicam, pois
eles, aos que não puderam conceder a vida, uma saída fácil
lhes fornecem, e o outro, com desonra e execração, expulsa
da vida os condenados, não porque o castigo de alguém o
deleita — de certo, está longe de um sábio uma ferocidade

tão desumana —, mas para que seja uma advertência para todos e, já que vivos não quiseram ser úteis, da morte deles a nação pelo menos obtenha utilidade. Portanto, à natureza humana não apetece o castigo; por isso, de modo algum a ira está em conformidade com a natureza do homem, uma vez

5 que a ela o castigo apetece. E eu referirei um argumento de Platão — de fato, em que prejudica servirmo-nos de bens alheios, daquela parte em que são nossos? —, “O homem virtuoso”, diz ele, “não causa dano”. O castigo causa dano; portanto, o castigo não se ajusta ao homem virtuoso, e por isso, nem a ira, porque o castigo se ajusta à ira. Se o homem virtuoso não se alegra com o castigo, não se alegrará sequer com essa paixão à qual o castigo serve de prazer; portanto, a ira não é natural.

1 7 Embora a ira não seja natural, deve ser admitida porque muitas vezes foi útil? Ela exalta e incita os ânimos, sem ela nada de magnífico a bravura realiza na guerra se ali não foi ateadada uma chama e aqui um aguilhão não estimulou e lançou aos perigos os audazes. Assim, alguns acham que o melhor é moderar a ira, não suprimi-la, e depois de reduzido o que é excessivo, compeli-la a uma margem salutar e ainda reter aquele tanto sem o qual a ação ficará lânguida e a energia e o vigor da alma serão

2 dissipados. Primeiro, é mais fácil excluir do que controlar impulsos perniciosos, e não acolhê-los do que moderá-los depois de acolhidos. De fato, depois que se assentaram em seu domínio são mais poderosos do que quem os controla, e

3 não toleram sofrer cortes ou ser diminuídos. Em seguida, a própria razão, à qual estão entregues os freios, detém seu poder durante o tempo exato em que se mantém separada das paixões. Se se misturou a elas e contaminou-se, não consegue deter o que teria podido remover. Uma vez, pois, conturbada e abalada a mente, passa a servir àquilo pelo

4 que é compelida. O início de certas coisas está em nosso poder, seus estágios ulteriores nos arrebatam com sua força e não permitem regresso. Do mesmo modo como os corpos

lançados num abismo não têm nenhum poder sobre si e não podem, depois de precipitar-se, resistir ou deter-se, pois a queda irrevogável exclui todo cálculo e arrependimento e é impossível não chegar ali onde antes teria sido possível não ir, assim também a alma — se ela se projetou na ira, no amor e em outras paixões, não é permitido reprimir-lhe o impulso; é imperioso que seja arrebatada e levada ao fundo por seu próprio peso e pela natureza proclive de seus vícios.

- 1 8 O melhor é desprezar de imediato o primeiro irrita-
mento da ira, combater suas sementes e atentar para que
não incidamos na ira. É dado que, se começou a nos alterar,
difícil é o retorno ao estado normal, já que não existe
razão ali onde uma vez se introduziu a paixão e, por nossa
vontade, algum direito lhe foi dado. Ela fará doravante
2 quanto quiser, não quanto lhe for permitido. Antes de
tudo, eu digo, é preciso rechaçar da fronteira o inimigo.
De fato, depois que entrou e transpôs as portas, ele não
aceita restrições vindas de prisioneiros. Na verdade, a alma
não está apartada, observando as paixões do lado de fora,
de modo a não lhes permitir avançar além do que convém,
mas ela própria se transforma na paixão, e por isso não
pode reconvocar aquela sua energia útil e salutar, estando
3 já entregue e enfraquecida. Como eu disse, a paixão e a
razão não possuem sedes próprias, separadas e distintas,
mas são uma mutação da alma para melhor ou para pior.
Como então a razão, ocupada e oprimida pelos vícios,
ressurgirá depois de ter cedido à ira? Ou, de que maneira se
livrará da confusão na qual prevaleceu a mistura dos piores
4 elementos? “Mas alguns”, alega-se, “conseguem conter-
-se na ira.” Será então que agem de tal modo que nada
fazem daquilo que a ira lhes dita ou de modo que fazem
apenas parte daquilo? Se nada fazem, fica evidente que
para as ações não é necessária a ira, a qual vós invocáveis
5 como se ela possuísse algo mais forte que a razão. Enfim,
pergunto: ela é mais vigorosa que a razão ou mais fraca? Se
mais vigorosa, como a razão poderá impor-lhe um limite,

dado que nada, exceto o que tem menos força, costuma ser obediente? Se é mais fraca, sem ela a razão é por si suficiente para a execução de suas ações e não deseja o auxílio do que tem menos força. “Mas alguns irados se controlam e se contêm.” Quando? Na hora em que a ira esvaece e por si mesma se retira, não quando está em pleno fervor, pois em tal momento ela é mais poderosa. “Como, então? Às vezes, mesmo em ira, eles não só deixam ir incólumes e intactos os que odeiam, como ainda se abstêm de lhes causar mal?” Sim, fazem-no. Quando? Na hora em que a paixão repeliu a paixão, ou o medo ou o desejo obteve algo. Não se aquietou, nesse momento, pelo benefício da razão, mas pela paz traiçoeira e maligna das paixões.

9 Afinal, nada ela tem de útil em si nem estimula a alma para as atividades bélicas. É certo que nunca a virtude precisa ter ajuda do vício, bastando-se a si mesma. Toda vez que é necessário ímpeto, ela não se ira, mas ergue-se e, com a intensidade que julgou necessária, excita-se e acalma-se. Iguamente os dardos, ao serem projetados por catapultas, estão na dependência daquele que os lança no tocante à intensidade com que venham a ser arremessados. “A ira”, diz Aristóteles, “é necessária, e coisa alguma sem ela pode ser levada a cabo se ela não enche a alma e inflama o espírito. Deve-se, porém, utilizá-la não como se fosse um general, mas um soldado.” Isso é falso, pois se ela escuta a razão e segue por onde é conduzida, já não é ira, da qual é própria a contumácia. No entanto, se opõe resistência e não se mantém quieta onde lhe foi ordenado, mas deixa arrastar-se por seu capricho e ferocidade, é um auxiliar da alma tão inútil quanto um soldado que não atende ao sinal de retirada. Assim, se ela tolera que lhe seja aplicado um limite, deve ser chamada por outro nome, deixou de ser ira, que entendo como desenfreada e indômita; se não tolera, é perniciosa e não deve ser enumerada entre as coisas que servem de auxílio. Desse modo, ou não é ira ou é inútil. De fato, se alguém exige punição, não por estar

ávido da punição em si, mas porque é necessária, não deve ser contado entre os irados. O soldado útil será aquele que sabe obedecer a uma decisão. As paixões são tão ruins como servas quanto como guias.

1 IO Por isso, a razão nunca tomará para seu auxílio impulsos improvidentes e violentos, junto aos quais ela própria não teria nenhuma autoridade, os quais nunca poderia reprimir, exceto se a eles tivesse contraposto os que
2 lhes são pares e semelhantes, como contra a ira, o medo; contra a inércia, a ira; contra o temor, a avidez. Que este mal fique longe da virtude: a razão alguma vez apelar para os vícios! Não pode uma alma assim obter repouso seguro; é inevitável que seja atacada e atormentada se está protegida por seus próprios males, se não pode ser forte sem ira, laboriosa sem avidez, calma sem temor. Há de viver numa tirania aquele que cai na servidão de alguma
3 paixão. Fazer as virtudes baixarem à condição de clientes dos vícios não o envergonha? Depois, a razão deixa de ter poder se nada ela consegue sem a paixão, e começa a se igualar a esta, a ser sua semelhante. Pois que diferença há se a paixão, sem a razão, é irrefletida tanto quanto a razão, sem a paixão, é ineficaz? Duas coisas são iguais quando uma não pode existir sem a outra. Mas quem sustentaria
4 que a paixão se iguala à razão? Afirma-se: “A paixão é útil, se moderada”. Não, ela é útil, se baseada na natureza. Mas se não tolera o controle e a razão, com a moderação não se conseguirá mais do que isto: quanto menor ela for, menos há de prejudicar. Portanto, uma paixão moderada não é outra coisa que um mal moderado.

1 II “Mas contra um inimigo”, replica-se, “a ira é necessária.” Em nenhuma outra ocasião ela o é menos do que quando é preciso que os impulsos sejam não precipitados, mas comedidos e obedientes. De fato, que outra coisa é o que debilita os bárbaros, de corpos tão robustos, tão resistentes a fadigas, senão a ira, extremamente nociva a eles mesmos? Aos gladiadores também, a arte os protege,

2 a ira os desnuda. Depois, de que serve a ira quando a
razão oferece o mesmo proveito? Acaso tu achas que o
caçador fica irado com as feras? Ora, tanto ele captura
as que lhe chegam quanto persegue as que lhe fogem, e
tudo isso a razão faz sem ira. O que fez sucumbir tantos
milhares de cimbros e teutões espalhados pelos Alpes,
a ponto de não um mensageiro, mas a repercussão desse
evento ter levado aos seus a notícia de tão grande desastre,
senão o fato de que tinham ira em lugar de bravura? Ela,
embora às vezes tenha rechaçado e aplanado obstáculos,
com mais frequência, serve também de destruição para
3 si mesma. O que há de mais animoso que os germanos?
Que povo é mais arrojado no ataque? Qual mais ávido
por armas, para as quais nascem e são criados, as quais
são seu único cuidado, sendo negligentes em tudo o mais?
Qual é mais empedernido perante todo sofrimento, a ponto
de, em grande parte de seus corpos, não se terem provido
de nada que os cobrisse, nem de abrigos contra o perpétuo
4 rigor do clima? Estes, porém, antes mesmo que possam
avistar uma legião, os hispanos e os gauleses e homens da
Ásia e da Síria, fracos na guerra, os massacram, vulneráveis
por nenhuma outra razão além de sua iracúndia. Pois bem,
àqueles corpos, àqueles almas que desconhecem prazeres,
luxo, riquezas, dá-lhes método, dá-lhes disciplina; para não
dizer nada além, será necessário remontarmos pelo menos
5 à antiga conduta romana. De que outro modo Fábio
reanimou as forças abaladas de nossa soberania, senão
sabendo contemporizar, prolongar e retardar coisas todas
que os irados não sabem? Teria perecido nossa soberania,
que estava então em situação extrema, se Fábio tivesse
ousado tanto quanto a ira tentava persuadi-lo. Levou em
consideração a sorte de seu povo e, avaliadas as suas forças,
das quais fração alguma podia perecer sem a perda do
todo, pôs de lado o rancor e a vingança, atento unicamente
à eficácia e às oportunidades. Ele venceu a ira antes de
6 vencer Aníbal. Que dizer de Cipião? Tendo deixado para

trás Aníbal e o Exército púnico e tudo com que deveria irar-se, não transferiu ele a guerra para a África com tanta lentidão que despertou nos malevolentes a opinião de desregramento e indolência? Que dizer do outro Cipião? Não sitiou Numância por muito tempo e tolerou com resignação esse pesar, seu e de seu povo: o de Numância ser vencida em mais longo tempo que Cartago? Ao cercar e bloquear os inimigos, apertou-os até que se lançassem à própria espada. Assim, a ira não é útil nem em batalhas ou guerras, pois ela é propensa à temeridade, e os perigos, enquanto quer impô-los, deles não se acautela. A virtude mais cabal é a que em torno de si fez longa e detida inspeção, teve autodomínio e avançou lenta e obstinadamente.

I2 “Como, então”, objeta-se, “um homem virtuoso não se enche de ira se viu o próprio pai ser assassinado, a mãe ser raptada?” Não ficará irado, mas irá vingá-los, irá defendê-los. E temes o quê? Que o amor filial, mesmo sem ira, seja para ele um estímulo pouco intenso? Ou da mesma forma deves questionar: “Como, então? Quando vir ser morto seu pai ou seu próprio filho, o homem virtuoso não irá chorar nem se abater?”. Tais coisas vemos acontecer às mulheres toda vez que uma leve suspeita de perigo as aflige. Os seus deveres, o homem virtuoso cumprirá imperturbado, intrépido; e assim fará o que é digno de um homem de virtude: nada fará que seja indigno de um homem. Meu pai será assassinado: irei defendê-lo; foi assassinado: buscarei justiça, porque é necessário, não porque me dói. “Iram-se os homens virtuosos pelas injustiças contra os seus.” Quando dizes isso, Teofrasto, buscas malevolência para com preceitos de maior vigor e abandonas o juiz voltando-te para a audiência: como toda gente se enfurece com os infortúnios desse tipo que ocorrem aos seus, pensas que as pessoas julgarão que esse é o comportamento que se deve adotar. De fato, quase sempre cada um julga ser justa a paixão que reconhece em si mesmo. Mas fazem o mesmo se não lhes fornecem

água quente de modo adequado, se foi quebrado um vaso de vidro, se seu calçado ficou coberto de lama. Não é o afeto que move aquela ira, mas a fraqueza, tal como nas crianças que choram pela perda tanto de seus pais quanto de suas amêndoas. Irar-se pelos seus não é próprio de uma alma afetuosa, mas da que é fraca. O que é belo e digno é apresentar-se como defensor de seus pais, filhos, amigos, concidadãos, conduzido pelo próprio dever, benévolo, ponderado, prudente, não impulsivo e raivoso. De fato, nenhuma paixão é mais desejosa de vingar-se do que a ira, e por isso mesmo ela é inábil para vingar-se. Por ser muito apressada e insana, como em geral toda cupidez, ela própria serve de obstáculo para aquilo a que se apressa. Assim, nem na paz, nem na guerra, ela jamais foi um bem. Ela torna a paz semelhante à guerra; nos combates, esquece que Marte é imparcial, e não tendo poder sobre si, cai em poder de outrem. Depois, os vícios não devem ser admitidos na prática porque alguma vez alcançaram algum efeito. Ora, mesmo as febres aliviam alguns tipos de indisposições e nem por isso deixa de ser melhor passar totalmente sem elas. Abominável é o tipo de remédio em que a saúde se deva a uma doença. De modo semelhante, a ira, mesmo se às vezes, tal como um veneno, uma queda ou um naufrágio, tenha se mostrado inesperadamente útil, nem por isso deve ser considerada benéfica. Certamente, o que é nocivo serviu muitas vezes como algo salutar.

13 Depois, os bens que se deve possuir, quanto maiores tanto melhores e mais desejáveis eles são. Se a justiça é um bem, ninguém dirá que ela será melhor se algo tiver sido tirado dela. Se a bravura é um bem, ninguém desejará que ela seja diminuída em alguma parte. Portanto, também a ira, quanto maior, tanto melhor. Quem, pois, haveria de recusar o incremento de um bem? Ora, é desvantajoso que a ira sofra aumento. Portanto, que ela também exista. Não é um bem o que, pelo crescimento, se torna um mal. “Útil”, alega-se, “é a ira, porque nos torna mais combativos.” Do mesmo

modo também a embriaguez, pois ela nos torna atrevidos e ousados, e muitos, estando pouco sóbrios, foram melhores no ferro. Do mesmo modo deves dizer que também o frenesi e a insânia são necessários às nossas forças, pois amiúde o furor nos deixa mais vigorosos. Como? Algumas vezes, por um efeito contrário, o medo não tornou audaciosa uma pessoa e o temor da morte não excitou ao combate até os mais inertes? Mas a ira, a embriaguez, o medo e outras coisas desse tipo são estímulos torpes e passageiros e não fornecem instrumentos à virtude, que em nada precisa dos vícios, mas, quando muito, eleva um pouco o ânimo fraco e indolente. Ninguém, ao irar-se, torna-se mais valoroso, exceto quem não o tivesse sido sem a ira. Assim, ela não vem em auxílio da virtude, mas em lugar desta. Que dizer do fato de que, se a ira fosse um bem, ela seria um atributo dos homens mais perfeitos? Ora, os mais iracundos são as crianças, os velhos e os doentes, e tudo o que é fraco é por natureza irritadiço.

1 I4 “Não pode acontecer”, diz Teofrasto, “de um ho-
mem virtuoso não se enfurecer com os maus.” Nesse sentido,
quanto mais virtuoso for alguém, tanto mais iracundo ele
2 será. Porém, ao contrário, vê se ele não é mais sereno e livre
de paixões, e sem ódio a ninguém. Efetivamente, que
motivo tem ele para odiar os que erram, quando a loucura
os compele a delitos desse tipo? Ora, não é próprio de um
homem prudente odiar os que erram; de outro modo ele
próprio será odioso para si. Pense ele em tudo quanto faz de
contrário à boa conduta, em tudo que fez que requer perdão;
logo ficará irado também consigo. Um juiz equitativo não
profere uma sentença sobre uma causa sua e outra sobre
3 uma causa alheia. Não se encontrará ninguém, repito, que
possa absolver-se, e cada um se diz inocente quando leva em
conta uma testemunha, não sua consciência. Quanto mais
humano seria oferecer uma alma dócil e paternal aos que
erram, e não persegui-los, mas chamá-los de volta! Aquele
que erra pelos campos por ignorar o caminho é melhor
endereçá-lo ao trajeto certo do que rechaçá-lo.

Copyright da tradução, introdução e notas © 2014
by José Eduardo S. Lohner

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULOS ORIGINAIS
De Ira e De Tranquillitate Animi

CAPA
Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO
Julia Passos

REVISÃO
Isabel Jorge Cury
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sêneca

Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma : Diálogos / Sêneca ; tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. — 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Títulos originais: De Ira e De Tranquillitate Animi

ISBN 978-85-8285-006-0

1. Filosofia antiga. 2. Sêneca, ca. 4 a.C. – 65 – Crítica e interpretação 3. Sêneca. Diálogos 1. Lohner, José Eduardo S. II. Título.

14-10335

CDD-188

Índice para catálogo sistemático:
1. Sêneca : Filosofia 188

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — José Eduardo Lohner	7
SOBRE A IRA	89
SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA	191
<i>Notas</i>	227
<i>Bibliografia</i>	291

Sobre a ira

Livro I

1 I Cobraste de mim, Novato, que eu escrevesse sobre
como poderia ser atenuada a ira. E não é sem motivo que
me parece que tenhas um particular temor dessa paixão, de
todas a mais terrível e violenta. De fato, nas outras existe
certo grau de calma e placidez; essa é plena de excitação
e ímpeto, enfurecida por uma ânsia desumana de dor,
combates, sangue, suplícios. Indiferente a si, desde que
seja nociva a outro, ela se arroja a seus próprios dardos
e é ávida por uma vingança que há de arrastar consigo
2 o vingador. Assim, alguns sábios disseram que a ira é
uma breve insânia. Ela é igualmente desenfreada, alheia
ao decoro, esquecida de laços afetivos, persistente e
aferrada ao que começou, fechada à razão e aos conselhos,
incitada por motivos vãos, inábil em discernir o justo e o
verdadeiro, muito similar a algo que desaba e se espedaça
3 por cima daquilo que esmagou. Mas para comprovaras a
insanidade dos que estão em poder da ira, observa a própria
aparência deles, pois assim como são sintomas claros dos
loucos o aspecto audaz e ameaçador, o semblante sinistro, a
face enviesada, o passo apressado, as mãos inquietas, a cor
mudada, os suspiros sucessivos e veementes, assim também
4 o são os sinais dos que enraivecem: seus olhos inflamam
e cintilam, é intenso o rubor por todo o rosto, devido ao
sangue que lhes ferve desde o fundo do peito, os lábios
tremem, cerram-se os dentes, arrepiam-se e eriçam-se os

cabelos, a respiração intensa e estridente, o estalido dos dedos retorcendo-se, os gemidos e mugidos, a fala abrupta, com palavras pouco claras, e as mãos que a todo tempo se entrecrocavam, e os pés a baterem no chão, e o corpo todo convulso e lançando avultantes ameaças de ira, a face de aspecto disforme e horrendo dos que se desfiguram e intumescem. Não se sabe se é mais detestável ou mais deformante esse vício. Os demais é possível esconder e alimentar em segredo: a ira põe-se à mostra e sai à face, e quanto maior, com tanto mais evidência efervesce. Não vê, como em todos os animais, tão logo se erguem para atacar, os sinais se antecipam e seu corpo inteiro deixa a condição habitual e tranquila e eles açulam a própria ferocidade? A boca dos javalis espuma, aguçam-se suas presas pelo atrito, os cornos dos touros arremetem contra o vazio e a areia é espalhada pelo golpe de seus pés, fremem os leões, infla-se o colo das serpentes irritadas, sinistro é o aspecto das cadelas raivosas. Nenhum animal é tão horrendo e tão perigoso por natureza que nele não fique aparente, logo que a ira o tenha invadido, o acréscimo de renovada ferocidade. Não ignoro que também as demais paixões são dificilmente ocultadas; que a luxúria, o medo e a audácia dão sinais de si e podem ser pressentidos. De fato, nenhuma agitação mais veemente nos penetra sem nada provocar no rosto. Que diferença há, então? É que as outras paixões ficam aparentes; esta fica proeminente.

2 Mas agora, caso queiras observar seus efeitos e danos, nenhuma peste teve maior custo para o gênero humano. Verás assassínios e venenos e mútuas acusações entre réus, cidades devastadas e extermínios de povos inteiros, cabeças de chefes vendidas em hasta pública, tochas lançadas a habitações. Não se veem incêndios restritos ao interior das muralhas, mas imensas extensões de território reluzindo sob a chama inimiga. Olha os alicerces de cidades de tão vasto renome, os quais mal se distinguem: a ira as demoliu. Olha soledades desertas por muitas milhas, sem morador:

3 a ira as desolou. Olha tantos chefes que passaram para a história, exemplos de mau destino: um, a ira trespassou em seu aposento; outro, ela abateu durante sagrada acolhida à mesa; a um, ela espedaçou em frente à sede das leis e diante do olhar de um fórum apinhado; a outro, ordenou destinar seu sangue ao parricídio perpetrado pelo filho; de um, mandou abrir a régia cerviz por mão de um escravo; de outro, estender seus membros numa cruz. E até aqui me refiro a suplícios individuais; que dizer se, deixados aqueles contra os quais a ira ardeu individualmente, fosse teu desejo olhar para as assembleias passadas a ferro, e para a plebe trucidada sob a invasão do soldado, e povos inteiros condenados à morte num flagelo generalizado

A ira transforma todas as coisas do melhor e mais justo em seu contrário. Quem quer que ela tenha atingido, a ira não consente que se lembre de nenhum de seus deveres. Incida ela em um pai, ele se torna adversário; em um filho, torna-se parricida; em uma mãe, torna-se madrastra; em um cidadão, torna-se inimigo; em um rei, torna-se tirano.

Martino Bracarense, *Sobre a ira*, 2

Que os filósofos não souberam qual a natureza da ira, fica evidente pelas definições dela que Sêneca enumerou nos livros que escreveu sobre a ira. “A ira”, diz ele, “é o desejo de vingar uma injúria ou, como afirma Posidônio, o desejo de punir aquele pelo qual alguém julga ter sido injustamente lesado. Alguns assim a definiram: a ira é um impulso da alma que visa a ser nocivo para com aquele que foi ou quis ser nocivo.”

Lactânio, *Sobre a ira de Deus*, 17, 13

4 como se abandonassem o cuidado de nós ou desprezassem nossa autoridade. Como? Por que o povo se enfurece contra os gladiadores, e de modo tão injusto que considere uma ofensa o fato de não morrerem de bom grado? Ele se julga menosprezado e, pelo aspecto, pelo gesto, pelo

5 ardor, converte-se de espectador em adversário. Seja
isso o que for, não é ira, mas quase ira, assim como a das
crianças que, se caíram, querem surrar o chão e, amiúde,
nem sequer sabem por que se irritaram, mas tão somente
se irritaram, sem causa e sem ofensa, não, porém, sem
alguma ideia de ofensa, nem sem desejo de algum castigo.
São iludidos com a simulação de pancadas, são aplacados
por lágrimas fingidas de quem lhes pede perdão e, com
uma falsa vingança, sua falsa raiva é eliminada.

1 3 “Por vezes nos enfurecemos”, argumenta-se, “não
com aqueles que nos ultrajaram, mas com os que mostram
intenção de nos ultrajar, comprovando-se que a ira não
nasce de uma injúria.” É verdade que nos enfurecemos com
os que mostram intenção de nos ultrajar, mas em nosso
próprio pensamento nos ultrajaram, e quem fará uma
2 injúria já a está fazendo. “Para comprovar”, diz alguém,
“que a ira não é um desejo de castigo, os mais fracos
amiúde se enfurecem com os mais poderosos e não almejam
um castigo que não esperam.” Primeiro, dissemos haver o
desejo de exigir castigo, não a possibilidade; as pessoas,
porém, almejam até o que não podem. Depois, ninguém
é tão insignificante que não possa esperar o castigo
3 mesmo do homem mais eminente. Para sermos nocivos,
todos somos poderosos. A definição de Aristóteles não
se afasta muito da nossa. Pois ele afirma que a ira é o
desejo de devolver uma dor. Encontrar a diferença entre
essa definição e a nossa exigiria longa explanação. Contra
ambas afirma-se que as feras se enraivecem sem terem sido
instigadas por uma injúria nem com vistas a um castigo
ou à dor alheia. De fato, mesmo se realizam tais coisas,
4 não as buscam. Mas deve-se dizer que as feras carecem
de ira, bem como todos os seres, exceto o homem. De fato,
embora ela seja inimiga da razão, no entanto, em parte
alguma ela nasce a não ser onde a razão tem lugar. As feras
têm impulsos, raiva, ferocidade, agressividade; mas ira,
por certo, não têm mais do que luxúria, embora em certos

- 5 prazeres sejam mais intemperantes que o homem. Não há por que acreditares naquele que diz:

O javali não se lembra de sua ira, a corça, de fiar-se na corrida, nem os ursos de atacar os fortes rebanhos.

Ovídio, *Metamorfoses* VII, 545-6

- 6 Ele denomina ira o aticar-se, o atirar-se. Na realidade não sabem irar-se mais do que perdoar. Os animais carecem de paixões humanas, mas têm certos impulsos semelhantes a elas. De outro modo, se neles existissem amor e ódio, existiriam amizade e rivalidade, dissentimento e concórdia. Disso neles também se encontram alguns vestígios, mas são próprios dos
- 7 corações humanos esses bens e males. Apenas ao homem foi concedida a prudência, a previdência, a diligência e a reflexão, e não somente das virtudes humanas os animais foram privados, mas também dos vícios. Toda a sua forma, tanto externa como interna, é diferente da humana. Aquela sua faculdade diretora e principal foi diferentemente formada. Assim como há neles de fato uma voz, mas indefinida, confusa e incapaz de palavras; assim como há uma língua, mas travada, sem desembaraço para os vários movimentos; assim também sua faculdade diretora é em si pouco sutil, pouco exata. Ela capta, portanto, aparências e imagens das coisas
- 8 pelas quais venha a ser induzida ao ataque, mas estas são turvas e difusas. Por tal motivo, suas investidas e agitações são veementes; medo, porém, e inquietações, ou tristeza e ira não existem neles, mas sensações similares a essas. Por isso, logo elas cedem e se convertem em seu contrário e, depois de eles se enraivecerem e de ficarem intensamente espavoridos, alimentam-se e, ao frêmito e ao ir e vir delirante, logo se seguem o repouso e o sono.

- 1 4 Explicou-se suficientemente o que é a ira. Em que ela difere da irascibilidade fica evidente: como o ébrio difere de quem está embriagado, e o medroso, de quem está com medo. O irado pode não ser iracundo; o iracundo

2 pode por vezes não estar irado. Os demais aspectos que
distinguem a ira em suas espécies, tendo entre os gregos
várias denominações, irei omiti-los, dado que entre nós não
têm designações próprias, mesmo se nós chamarmos um
temperamento de amargo ou acerbo, e ainda atrabilioso,
raivoso, vociferador, antipático, áspero, todas essas sendo
3 variedades da ira, entre as quais pode-se incluir o mal-
-humorado, tipo refinado de iracúndia. Existem de fato
certas iras que se atêm ao grito; há outras não menos
pertinazes do que frequentes; outras, de mão cruel, são
mais parcias nas palavras; outras, excessivas no amargor
das palavras e maldições; umas não vão além de queixas e
abominações; outras são graves, profundas e concentradas;
mil outras espécies existem desse múltiplo mal.

1 5 Indagou-se o que é a ira, se ocorre em algum outro
animal além do homem, em que ela se distingue da iracúndia,
quantas são suas espécies. Agora indaguemos se a ira está
em conformidade com a natureza, se ela é útil e se deve ser
2 conservada em alguma medida. Se está em conformidade
com a natureza, ficará patente ao observarmos o homem. O
que há de mais dócil do que ele enquanto está equilibrado o
estado de sua alma? Porém, o que é mais cruel do que sua ira?
O que há de mais afetuoso com os outros do que o homem?
O que há de mais hostil do que sua ira? O homem foi criado
para o auxílio mútuo; a ira, para a destruição mútua. Ele
quer congrega-se, ela, desunir; ele, ser útil, ela, ser nociva;
ele, socorrer até os desconhecidos, ela, atacar até os mais
caros; ele mostra-se pronto até a consagra-se ao proveito dos
3 outros; ela, a pôr-se em risco, contanto que abata. Portanto,
quem desconhece mais a natureza do que aquele que atribui à
sua melhor e mais perfeita obra esse vício feroz e pernicioso?
A ira, como dissemos, é ávida de castigo, e residir esse desejo
no peito tão afável do homem não está de modo algum em
conformidade com sua natureza. A vida humana consiste nas
ações benéficas e na concórdia e, não pelo terror, mas pelo
amor mútuo, ela é compelida à aliança e ao auxílio comum.

1 6 “Como, então? Não é às vezes necessário o castigo?”
Por que não? Mas este sem a ira, com base na razão, pois
ele não é nocivo, mas medica sob a aparência de ser nocivo.
Assim como certas estacas tortas, para que as desentortemos
pomo-las ao fogo e, depois de lhes ajustar as cunhas,
apertamos forte, não para quebrá-las, mas para estirá-las,
assim também é pela dor do corpo e da alma que corrigimos
2 os temperamentos deturpados pelo vício. Certamente
o médico, nos distúrbios mais leves, primeiro tenta não
desviar-se muito do hábito cotidiano e procura, com
alimentos, poções, exercícios, impor um balanceamento,
bem como firmar a saúde apenas pela mudança no hábito
de vida. O próximo passo é que seja de proveito uma dieta.
Se não são de proveito a dieta e o balanceamento, ele
suspende algumas coisas e as corta. Se nem mesmo assim há
resposta, proíbe os alimentos e, com a abstinência, alivia o
corpo. Se essas medidas mais brandas se mostraram inúteis,
ele faz uma incisão sobre uma veia, bem como aplica suas
mãos aos órgãos, se estão fazendo mal a tecidos adjacentes
e espalhando a doença. Nenhum tratamento cujo efeito
3 é salutar parece duro. Assim, convém que o legislador
e governante de uma cidade, por mais tempo que puder,
trate os temperamentos com palavras e com essas medidas
mais brandas, para que lhes aconselhe o que deve ser feito
e concilie em suas almas o desejo do honesto e do justo,
provoque o ódio aos vícios, o apreço pelas virtudes. Deve em
seguida passar a um discurso mais severo, pelo qual ainda
advirta e censure. Finalmente, recorra aos castigos, e estes
ainda leves, revogáveis. Imponha suplícios extremos a crimes
extremos, a fim de que ninguém perca a vida, exceto se perdê-
4 -la for do interesse até mesmo daquele que a perde. Por esse
único aspecto ele se diferenciará daqueles que medicam, pois
eles, aos que não puderam conceder a vida, uma saída fácil
lhes fornecem, e o outro, com desonra e execração, expulsa
da vida os condenados, não porque o castigo de alguém o
deleita — de certo, está longe de um sábio uma ferocidade

tão desumana —, mas para que seja uma advertência para todos e, já que vivos não quiseram ser úteis, da morte deles a nação pelo menos obtenha utilidade. Portanto, à natureza humana não apetece o castigo; por isso, de modo algum a ira está em conformidade com a natureza do homem, uma vez

5 que a ela o castigo apetece. E eu referirei um argumento de Platão — de fato, em que prejudica servirmo-nos de bens alheios, daquela parte em que são nossos? —, “O homem virtuoso”, diz ele, “não causa dano”. O castigo causa dano; portanto, o castigo não se ajusta ao homem virtuoso, e por

isso, nem a ira, porque o castigo se ajusta à ira. Se o homem virtuoso não se alegra com o castigo, não se alegrará sequer com essa paixão à qual o castigo serve de prazer; portanto, a ira não é natural.

1 7 Embora a ira não seja natural, deve ser admitida porque muitas vezes foi útil? Ela exalta e incita os ânimos, sem ela nada de magnífico a bravura realiza na guerra se ali não foi ateadada uma chama e aqui um aguilhão não estimulou e lançou aos perigos os audazes. Assim, alguns acham que o melhor é moderar a ira, não suprimi-la, e depois de reduzido o que é excessivo, compeli-la a uma margem salutar e ainda reter aquele tanto sem o qual a

2 ação ficará lânguida e a energia e o vigor da alma serão dissipados. Primeiro, é mais fácil excluir do que controlar impulsos perniciosos, e não acolhê-los do que moderá-los depois de acolhidos. De fato, depois que se assentaram em seu domínio são mais poderosos do que quem os controla, e

3 não toleram sofrer cortes ou ser diminuídos. Em seguida, a própria razão, à qual estão entregues os freios, detém seu poder durante o tempo exato em que se mantém separada das paixões. Se se misturou a elas e contaminou-se, não consegue deter o que teria podido remover. Uma vez, pois, conturbada e abalada a mente, passa a servir àquilo pelo

4 que é compelida. O início de certas coisas está em nosso poder, seus estágios ulteriores nos arrebatam com sua força e não permitem regresso. Do mesmo modo como os corpos

lançados num abismo não têm nenhum poder sobre si e não podem, depois de precipitar-se, resistir ou deter-se, pois a queda irrevogável exclui todo cálculo e arrependimento e é impossível não chegar ali onde antes teria sido possível não ir, assim também a alma — se ela se projetou na ira, no amor e em outras paixões, não é permitido reprimir-lhe o impulso; é imperioso que seja arrebatada e levada ao fundo por seu próprio peso e pela natureza proclive de seus vícios.

- 1 8 O melhor é desprezar de imediato o primeiro irrita-
mento da ira, combater suas sementes e atentar para que
não incidamos na ira. É dado que, se começou a nos alterar,
difícil é o retorno ao estado normal, já que não existe
razão ali onde uma vez se introduziu a paixão e, por nossa
vontade, algum direito lhe foi dado. Ela fará doravante
2 quanto quiser, não quanto lhe for permitido. Antes de
tudo, eu digo, é preciso rechaçar da fronteira o inimigo.
De fato, depois que entrou e transpôs as portas, ele não
aceita restrições vindas de prisioneiros. Na verdade, a alma
não está apartada, observando as paixões do lado de fora,
de modo a não lhes permitir avançar além do que convém,
mas ela própria se transforma na paixão, e por isso não
pode reconvocar aquela sua energia útil e salutar, estando
3 já entregue e enfraquecida. Como eu disse, a paixão e a
razão não possuem sedes próprias, separadas e distintas,
mas são uma mutação da alma para melhor ou para pior.
Como então a razão, ocupada e oprimida pelos vícios,
ressurgirá depois de ter cedido à ira? Ou, de que maneira se
livrará da confusão na qual prevaleceu a mistura dos piores
4 elementos? “Mas alguns”, alega-se, “conseguem conter-
-se na ira.” Será então que agem de tal modo que nada
fazem daquilo que a ira lhes dita ou de modo que fazem
apenas parte daquilo? Se nada fazem, fica evidente que
para as ações não é necessária a ira, a qual vós invocáveis
5 como se ela possuísse algo mais forte que a razão. Enfim,
pergunto: ela é mais vigorosa que a razão ou mais fraca? Se
mais vigorosa, como a razão poderá impor-lhe um limite,

6 dado que nada, exceto o que tem menos força, costuma ser
obediente? Se é mais fraca, sem ela a razão é por si suficiente
para a execução de suas ações e não deseja o auxílio do
que tem menos força. “Mas alguns irados se controlam e
se contêm.” Quando? Na hora em que a ira esvaece e por
7 si mesma se retira, não quando está em pleno fervor, pois
em tal momento ela é mais poderosa. “Como, então?
Às vezes, mesmo em ira, eles não só deixam ir incólumes
e intactos os que odeiam, como ainda se abstêm de lhes
causar mal?” Sim, fazem-no. Quando? Na hora em que a
paixão repeliu a paixão, ou o medo ou o desejo obteve algo.
Não se aquietou, nesse momento, pelo benefício da razão,
mas pela paz traiçoeira e maligna das paixões.

1 9 Afinal, nada ela tem de útil em si nem estimula a
alma para as atividades bélicas. É certo que nunca a virtude
precisa ter ajuda do vício, bastando-se a si mesma. Toda vez
que é necessário ímpeto, ela não se ira, mas ergue-se e, com
a intensidade que julgou necessária, excita-se e acalma-se.
Igualmente os dardos, ao serem projetados por catapultas,
estão na dependência daquele que os lança no tocante à
2 intensidade com que venham a ser arremessados. “A
ira”, diz Aristóteles, “é necessária, e coisa alguma sem ela
pode ser levada a cabo se ela não enche a alma e inflama o
espírito. Deve-se, porém, utilizá-la não como se fosse um
general, mas um soldado.” Isso é falso, pois se ela escuta
a razão e segue por onde é conduzida, já não é ira, da qual
é própria a contumácia. No entanto, se opõe resistência e
não se mantém quieta onde lhe foi ordenado, mas deixa
arrastar-se por seu capricho e ferocidade, é um auxiliar
da alma tão inútil quanto um soldado que não atende ao
3 sinal de retirada. Assim, se ela tolera que lhe seja aplicado
um limite, deve ser chamada por outro nome, deixou de
ser ira, que entendo como desenfreada e indômita; se não
tolera, é perniciosa e não deve ser enumerada entre as
4 coisas que servem de auxílio. Desse modo, ou não é ira
ou é inútil. De fato, se alguém exige punição, não por estar

ávido da punição em si, mas porque é necessária, não deve ser contado entre os irados. O soldado útil será aquele que sabe obedecer a uma decisão. As paixões são tão ruins como servas quanto como guias.

1 IO Por isso, a razão nunca tomará para seu auxílio impulsos improvidentes e violentos, junto aos quais ela própria não teria nenhuma autoridade, os quais nunca poderia reprimir, exceto se a eles tivesse contraposto os que
2 lhes são pares e semelhantes, como contra a ira, o medo; contra a inércia, a ira; contra o temor, a avidez. Que este mal fique longe da virtude: a razão alguma vez apelar para os vícios! Não pode uma alma assim obter repouso seguro; é inevitável que seja atacada e atormentada se está protegida por seus próprios males, se não pode ser forte sem ira, laboriosa sem avidez, calma sem temor. Há de viver numa tirania aquele que cai na servidão de alguma
3 paixão. Fazer as virtudes baixarem à condição de clientes dos vícios não o envergonha? Depois, a razão deixa de ter poder se nada ela consegue sem a paixão, e começa a se igualar a esta, a ser sua semelhante. Pois que diferença há se a paixão, sem a razão, é irrefletida tanto quanto a razão, sem a paixão, é ineficaz? Duas coisas são iguais quando uma não pode existir sem a outra. Mas quem sustentaria
4 que a paixão se iguala à razão? Afirmar-se: “A paixão é útil, se moderada”. Não, ela é útil, se baseada na natureza. Mas se não tolera o controle e a razão, com a moderação não se conseguirá mais do que isto: quanto menor ela for, menos há de prejudicar. Portanto, uma paixão moderada não é outra coisa que um mal moderado.

1 II “Mas contra um inimigo”, replica-se, “a ira é necessária.” Em nenhuma outra ocasião ela o é menos do que quando é preciso que os impulsos sejam não precipitados, mas comedidos e obedientes. De fato, que outra coisa é o que debilita os bárbaros, de corpos tão robustos, tão resistentes a fadigas, senão a ira, extremamente nociva a eles mesmos? Aos gladiadores também, a arte os protege,

2 a ira os desnuda. Depois, de que serve a ira quando a
razão oferece o mesmo proveito? Acaso tu achas que o
caçador fica irado com as feras? Ora, tanto ele captura
as que lhe chegam quanto persegue as que lhe fogem, e
tudo isso a razão faz sem ira. O que fez sucumbir tantos
milhares de cimbros e teutões espalhados pelos Alpes,
a ponto de não um mensageiro, mas a repercussão desse
evento ter levado aos seus a notícia de tão grande desastre,
senão o fato de que tinham ira em lugar de bravura? Ela,
embora às vezes tenha rechaçado e aplanado obstáculos,
com mais frequência, serve também de destruição para
3 si mesma. O que há de mais animoso que os germanos?
Que povo é mais arrojado no ataque? Qual mais ávido
por armas, para as quais nascem e são criados, as quais
são seu único cuidado, sendo negligentes em tudo o mais?
Qual é mais empedernido perante todo sofrimento, a ponto
de, em grande parte de seus corpos, não se terem provido
de nada que os cobrisse, nem de abrigos contra o perpétuo
4 rigor do clima? Estes, porém, antes mesmo que possam
avistar uma legião, os hispanos e os gauleses e homens da
Ásia e da Síria, fracos na guerra, os massacram, vulneráveis
por nenhuma outra razão além de sua iracúndia. Pois bem,
àqueles corpos, àqueles almas que desconhecem prazeres,
luxo, riquezas, dá-lhes método, dá-lhes disciplina; para não
dizer nada além, será necessário remontarmos pelo menos
5 à antiga conduta romana. De que outro modo Fábio
reanimou as forças abaladas de nossa soberania, senão
sabendo contemporizar, prolongar e retardar coisas todas
que os irados não sabem? Teria perecido nossa soberania,
que estava então em situação extrema, se Fábio tivesse
ousado tanto quanto a ira tentava persuadi-lo. Levou em
consideração a sorte de seu povo e, avaliadas as suas forças,
das quais fração alguma podia perecer sem a perda do
todo, pôs de lado o rancor e a vingança, atento unicamente
à eficácia e às oportunidades. Ele venceu a ira antes de
6 vencer Aníbal. Que dizer de Cipião? Tendo deixado para

trás Aníbal e o Exército púnico e tudo com que deveria irar-se, não transferiu ele a guerra para a África com tanta lentidão que despertou nos malevolentes a opinião de desregramento e indolência? Que dizer do outro Cipião? Não sitiou Numância por muito tempo e tolerou com resignação esse pesar, seu e de seu povo: o de Numância ser vencida em mais longo tempo que Cartago? Ao cercar e bloquear os inimigos, apertou-os até que se lançassem à própria espada. Assim, a ira não é útil nem em batalhas ou guerras, pois ela é propensa à temeridade, e os perigos, enquanto quer impô-los, deles não se acautela. A virtude mais cabal é a que em torno de si fez longa e detida inspeção, teve autodomínio e avançou lenta e obstinadamente.

I2 “Como, então”, objeta-se, “um homem virtuoso não se enche de ira se viu o próprio pai ser assassinado, a mãe ser raptada?” Não ficará irado, mas irá vingá-los, irá defendê-los. E temes o quê? Que o amor filial, mesmo sem ira, seja para ele um estímulo pouco intenso? Ou da mesma forma deves questionar: “Como, então? Quando vir ser morto seu pai ou seu próprio filho, o homem virtuoso não irá chorar nem se abater?”. Tais coisas vemos acontecer às mulheres toda vez que uma leve suspeita de perigo as aflige. Os seus deveres, o homem virtuoso cumprirá imperturbado, intrépido; e assim fará o que é digno de um homem de virtude: nada fará que seja indigno de um homem. Meu pai será assassinado: irei defendê-lo; foi assassinado: buscarei justiça, porque é necessário, não porque me dói. “Iram-se os homens virtuosos pelas injustiças contra os seus.” Quando dizes isso, Teofrasto, buscas malevolência para com preceitos de maior vigor e abandonas o juiz voltando-te para a audiência: como toda gente se enfurece com os infortúnios desse tipo que ocorrem aos seus, pensas que as pessoas julgarão que esse é o comportamento que se deve adotar. De fato, quase sempre cada um julga ser justa a paixão que reconhece em si mesmo. Mas fazem o mesmo se não lhes fornecem

água quente de modo adequado, se foi quebrado um vaso de vidro, se seu calçado ficou coberto de lama. Não é o afeto que move aquela ira, mas a fraqueza, tal como nas crianças que choram pela perda tanto de seus pais quanto de suas amêndoas. Irar-se pelos seus não é próprio de uma alma afetuosa, mas da que é fraca. O que é belo e digno é apresentar-se como defensor de seus pais, filhos, amigos, concidadãos, conduzido pelo próprio dever, benévolo, ponderado, prudente, não impulsivo e raivoso. De fato, nenhuma paixão é mais desejosa de vingar-se do que a ira, e por isso mesmo ela é inábil para vingar-se. Por ser muito apressada e insana, como em geral toda cupidez, ela própria serve de obstáculo para aquilo a que se apressa. Assim, nem na paz, nem na guerra, ela jamais foi um bem. Ela torna a paz semelhante à guerra; nos combates, esquece que Marte é imparcial, e não tendo poder sobre si, cai em poder de outrem. Depois, os vícios não devem ser admitidos na prática porque alguma vez alcançaram algum efeito. Ora, mesmo as febres aliviam alguns tipos de indisposições e nem por isso deixa de ser melhor passar totalmente sem elas. Abominável é o tipo de remédio em que a saúde se deva a uma doença. De modo semelhante, a ira, mesmo se às vezes, tal como um veneno, uma queda ou um naufrágio, tenha se mostrado inesperadamente útil, nem por isso deve ser considerada benéfica. Certamente, o que é nocivo serviu muitas vezes como algo salutar.

13 Depois, os bens que se deve possuir, quanto maiores tanto melhores e mais desejáveis eles são. Se a justiça é um bem, ninguém dirá que ela será melhor se algo tiver sido tirado dela. Se a bravura é um bem, ninguém desejará que ela seja diminuída em alguma parte. Portanto, também a ira, quanto maior, tanto melhor. Quem, pois, haveria de recusar o incremento de um bem? Ora, é desvantajoso que a ira sofra aumento. Portanto, que ela também exista. Não é um bem o que, pelo crescimento, se torna um mal. “Útil”, alega-se, “é a ira, porque nos torna mais combativos.” Do mesmo

modo também a embriaguez, pois ela nos torna atrevidos e ousados, e muitos, estando pouco sóbrios, foram melhores no ferro. Do mesmo modo debes dizer que também o frenesi e a insânia são necessários às nossas forças, pois amiúde o furor nos deixa mais vigorosos. Como? Algumas vezes, por um efeito contrário, o medo não tornou audaciosa uma pessoa e o temor da morte não excitou ao combate até os mais inertes? Mas a ira, a embriaguez, o medo e outras coisas desse tipo são estímulos torpes e passageiros e não fornecem instrumentos à virtude, que em nada precisa dos vícios, mas, quando muito, eleva um pouco o ânimo fraco e indolente. Ninguém, ao irar-se, torna-se mais valoroso, exceto quem não o tivesse sido sem a ira. Assim, ela não vem em auxílio da virtude, mas em lugar desta. Que dizer do fato de que, se a ira fosse um bem, ela seria um atributo dos homens mais perfeitos? Ora, os mais iracundos são as crianças, os velhos e os doentes, e tudo o que é fraco é por natureza irritadiço.

1 I4 “Não pode acontecer”, diz Teofrasto, “de um homem virtuoso não se enfurecer com os maus.” Nesse sentido, quanto mais virtuoso for alguém, tanto mais iracundo ele será. Porém, ao contrário, vê se ele não é mais sereno e livre de paixões, e sem ódio a ninguém. Efetivamente, que motivo tem ele para odiar os que erram, quando a loucura os compele a delitos desse tipo? Ora, não é próprio de um homem prudente odiar os que erram; de outro modo ele próprio será odioso para si. Pense ele em tudo quanto faz de contrário à boa conduta, em tudo que fez que requer perdão; logo ficará irado também consigo. Um juiz equitativo não profere uma sentença sobre uma causa sua e outra sobre 2 uma causa alheia. Não se encontrará ninguém, repito, que possa absolver-se, e cada um se diz inocente quando leva em conta uma testemunha, não sua consciência. Quanto mais humano seria oferecer uma alma dócil e paternal aos que erram, e não persegui-los, mas chamá-los de volta! Aquele que erra pelos campos por ignorar o caminho é melhor endereçá-lo ao trajeto certo do que rechaçá-lo.